

SIONISMO E ISRAEL

Valdemar W. Setzer

www.ime.usp.br/~vwsetzer

Original: 16/2/24. Esta versão: 9/11/24

Eduardo Marcic perguntou-me em 24/1/24 o que é o sionismo. Vou dar inicialmente minha opinião, para depois citar algumas fontes.

O sionismo apareceu na Europa Central, como reação à perseguição de dois milênios contra os judeus, e o sofrimento deles devido a questões religiosas, muitas incentivadas pela Igreja Católica – devido ao fato de o Cristo Jesus ter sido morto a pedido de judeus, que ficaram decepcionados pois acreditavam, numa degeneração do conceito de Messias, que ele, como o Messias esperado, iria libertá-los dos romanos e se declarar rei. Não reconheceram o papel espiritual e não político que o Messias deveria ter. É interessante que ele poderia perfeitamente ter se evadido, pois sabia o que iria acontecer e não reagiu.

Houve também antissemitismo visceral, talvez sem motivos religiosos, como foi o caso de Martinho Lutero e de Richard Wagner (se bem que suas obras não foram antissemitas – não se deve confundir sempre a personalidade de um autor com suas obras). Com o nazismo, estabeleceu-se a noção totalmente errada de que os judeus consistiam uma raça (há judeus em todas as partes do mundo, de muitas etnias). Criou-se a mentalidade de que os judeus dominavam ou queriam dominar o mundo economicamente, concepção que foi propagada pelo falso livro antissemita *Os protocolos dos sábios de Sião* (ver a referência). Isso ficou desmascarado quando a comunidade judaica dos EUA e da Inglaterra pediu aos governos que bombardeassem os campos de extermínio nazistas (todos morreriam lá, mas seriam muito menos do que os futuros assassinados), mas os aliados não o fizeram pois alegaram que os aviões não tinham precisão suficiente, o que é ridículo.

É interessante notar que nos séculos XIX e XX houve cruéis perseguições aos judeus, com matanças e destruição de propriedades em várias cidades, principalmente no leste europeu (há um antissemitismo relativamente generalizado, visceral, nesses países), os denominados *pogroms*. O mais famoso talvez tenha sido a *Kristallnacht*, a Noite dos Cristais, promovida pelos nazistas em grande parte da Alemanha, na noite de 9 para 10 de novembro de 1938, com a destruição de lojas de judeus e sinagogas, com quase uma centena de mortes e 30.000 deportações para campos de concentração. Só na Ucrânia houve 1.325 pogroms. O ataque de 7/10/23 do Khamás (kh como j em espanhol, o ch em alemão ou o x em russo) contra Israel foi um verdadeiro *pogrom*.

Essa perseguição aos judeus e o antissemitismo (não se deve esquecer o caso do capitão Alfred Dreyfus na França, acusado falsamente de traição em 1894, que levou Émile Zola a escrever o *J'accuse*), levou um grupo de judeus, liderados pelo jornalista austríaco Theodor Herzl, a concluir que havia uma só maneira de resolver a questão, e os judeus deixarem de ser perseguidos

e atacados pelo menos em um país: se eles tivessem uma nação própria. Essa foi a origem do Sionismo, derivado da palavra *Tzion* em hebraico (Sião, ver abaixo). Houve propostas de se instalar uma região para os judeus, por exemplo em Uganda, mas como havia uma ligação histórica, sentimental, com a terra de Israel, a preferência foi sempre para esse local. Em 1897 foi instalado o Primeiro Congresso Sionista, em Basel (Basileia), na Suíça. Mas antes já havia movimentos para convencer judeus a se mudarem para a então Palestina; o primeiro desses movimentos modernos, chamados cada um de *Aliá* deu-se nos fins do sec. XIX. *Aliá*, em hebraico, vem de "al", "sobre"; *aliá* é "subida" – indicando uma esperança de vida melhor, e tendo algo a ver com a "subida" a Jerusalém, que fica 750 m acima do nível do mar, e onde há um monte justamente com o nome *Tzion*. Um dos nomes de Israel é *Eretz Tzion*, Terra de Tzion, daí o nome sionismo.

A criação do Estado de Israel pela assembleia da ONU, em 1947, presidida por Oswaldo Aranha, com a partilha entre uma região para judeus e outra para árabes, foi aceita pelos judeus da então Palestina, mas não foi aceita por todos os países árabes vizinhos, o que resultou na Guerra da Independência de 1948, milagrosamente vencida por Israel. O sionismo motivou grandes imigrações de judeus para Israel, por exemplo com a sua expulsão de países árabes ou muçulmanos (onde havia grandes comunidades judaicas, que praticamente desapareceram, expulsas), a abertura da União Soviética em 1989 etc. Portanto, sem o sionismo Israel não teria começado a existir. Até hoje, o sionismo é essencial para a manutenção de Israel, devido às contribuições financeiras de judeus de todo o mundo, e para manter uma imigração necessária para o aumento da população.

É interessante notar que o sionismo é um caso único. Não há outro país com uma determinada religião que necessite da ajuda de pessoas dessa religião que não residem nele. Com isso, devemos examinar brevemente a questão de Israel e do judaísmo.

Sionista é a pessoa que reconhece a existência de Israel como um país judeu. É interessante notar que qualquer pessoa com mãe comprovadamente judia é considerada judeu, independentemente de professar a religião, e pode receber automaticamente a cidadania israelense. Há um grande número de judeus que se consideram laicos, inclusive em Israel. Um judeu laico em geral admira a riquíssima cultura judaica, e talvez admire o Estado de Israel, por suas contribuições culturais, científicas e tecnológicas para o mundo, e ser o último refúgio sem antissemitismo.

Antissionista é a pessoa que não reconhece o direito à existência de Israel. Nas referências cito um caso emblemático de antissionismo, uma palestra do jornalista Breno Altman; há também referência a um texto meu comentando essa palestra.

Infelizmente, essa questão de Israel ser um país judeu é um contrassenso – um Estado tem que ser laico, pois senão privilegia uma parte da população, quebrando a isonomia. No entanto, deve-se reconhecer que há um forte antissemitismo no mundo, que veio novamente à superfície, agora devido à

guerra Israel-Khamás. Mas esse contrassenso deve, em minha opinião, curvar-se à realidade. Enquanto houver antissemitismo no mundo, Israel é o último refúgio para os judeus e, nesse sentido, deve continuar sendo um estado judeu. Quando não houver mais antissemitismo no mundo, Israel poderia ou deveria deixar de ser um Estado judeu.

Sobre essa guerra, várias pessoas e governos alegam que Israel exagerou na resposta à agressões. Não sei se a população civil poderia ter sido mais poupada. É fato de que os terroristas cometem um crime de guerra vestindo roupas civis e se misturando com a população em geral, incluindo suas bases e túneis, além do crime de terem soltado milhares de foguetes indiscriminadamente contra Israel. Pelo que conheço de Israel, o seu exército não iria matar civis à toa. Israel é acusado de genocídio, mas se essa fosse a intenção não teria havido algumas dezenas de milhares de mortos, e sim centenas de milhares. Além disso, Israel não mata os palestinos de seu território, a menos de ataques esporádicos nas zonas ocupadas feitos por fanáticos religiosos.

Um outro problema de Israel é que o sionismo é uma forma de nacionalismo, o que é outro contrassenso contra a tendência universalista do mundo moderno, como ficou bem exemplificado com a Comunidade Europeia, onde há uma forte integração entre todos os países. No entanto, a realidade também deve-se sobrepôr à teoria: enquanto houver movimentos terroristas e países (como o Irã) que propugnam a destruição do Estado de Israel (e até mesmo a destruição dos judeus) ele tem que ser protegido por meio de um nacionalismo.

A existência de Israel tem outras motivações. Meu pai, José Setzer, que era um grande cientista (introduziu no Brasil a pedologia, a ciência do solo), e visitou Israel em 1968, voltou dizendo "um país que transformou um deserto em um jardim e um pomar tem direito de existir". Mas, além de ter cultivado sua terra, em grande parte desértica, Israel deu muitas e notáveis contribuições culturais, científicas e tecnológicas para o mundo. Assim, sua existência continua sendo justificada também por esse prisma, não se devendo esquecer o turismo cultural e religioso – a organização turística de 71 parques nacionais históricos e geográficos é notável (quando estive lá em 2018; no Brasil havia então 79, em geral bem mal organizados para o turismo).

Existem três principais formas de antissemitismo: 1. O religioso, que não aceita a religião judaica, muito bem representado pela antiga Inquisição, e por fundamentalistas islâmicos que querem converter toda a humanidade ao islamismo, e quem não aceitar a conversão pode até ser morto (curiosamente, o sultão da Turquia recebeu de braços abertos os judeus expulsos da Espanha em 1492, pois reconhecia como eles contribuía para a sociedade). Ocorre que muitos, talvez a maioria dos judeus, inclusive os de Israel, são laicos e, se deixados em paz, tendem a se integrar totalmente nos países onde vivem. Como, aliás, era o caso dos judeus alemães antes do Hitler, que em geral se consideravam antes alemães do que judeus. 2. O étnico, racial, muito bem representado pelo nazismo, o que é uma estupidez

sem tamanho, pois como já foi dito, há judeus de todas as etnias. 3. O político, contra a existência do Estado de Israel, ou o antissionismo. É muito importante reconhecer que o antissionismo é uma forma de antissemitismo, pois negando a existência de Israel nega-se o último refúgio dos judeus de todos os países. Segundo o portal G1 da rede Globo, desde o 7/10/23 houve um aumento de 1.000% de agressões aos judeus no Brasil. Um outro antissemitismo político é devido ao apoio que os EUA sempre deram a Israel, talvez pela influência muito grande dos judeus naquele país. Países ou governos que são contra os EUA acabam sendo contra a existência de Israel por tabela.

Há outras formas de antissemitismo, como não tolerar a diferença (religiosa ou cultural) e ter inveja da posição socioeconômica de muitos judeus. Uma outra forma é a falsa alegação de que os judeus têm um plano para dominar o mundo, alimentada pela publicação do livro falsa *Os protocolos dos sábios de Sião*, já mencionado. Se os judeus tivessem tanto poder no mundo, os campos de extermínio nazistas teriam sido bombardeados, como citado acima e, mais recentemente, não haveria tanta oposição a Israel, como o de esquerdinhas do Brasil e o caso de resoluções da ONU.

Israel é uma democracia. Todos os habitantes, inclusive árabes e muçulmanos, têm os mesmos direitos e deveres. Por exemplo, crianças de pais árabes analfabetos (como é frequente entre os beduínos) têm que ir à escola. (Ver nas referências um tocante depoimento de uma garota israelense engenheira, de descendência beduína.) Há total liberdade religiosa; por exemplo, Israel sempre foi o berço da religião Bahai, com seu famoso templo na cidade de Haifa. Nos horários diários de orações muçulmanas, em toda parte do país ouvem-se dos topos dos minaretes os muezins transmitindo as rezas por meio de potentes alto-falantes. É interessante notar que 21% da população não é judia, consistindo em árabes cristãos, ou muçulmanos em sua maioria. Ele são livres para saírem de lá. Não saem pois se fossem para os países árabes ou muçulmanos perderiam grande parte de sua liberdade e seus direitos. Por exemplo, a Parada Gay de Tel Aviv é famosa, algo inimaginável naqueles outros países; em 2017 participaram dela 200.000 pessoas. É também notável que em Israel ressuscitou-se uma língua praticamente morta, o hebraico, que era falado apenas nas rezas das sinagogas, na leitura da Torá e nos estudos da língua para fins religiosos. O hebraico moderno difere bastante do hebraico bíblico; curiosamente, a pronúncia (que variava bastante de região para região na Europa, tendo sido adotada a pronúncia sefardita, com origem na Espanha) tornou-se bem gutural, como o árabe.

No entanto, há um grande senão na democracia de Israel: os partidos religiosos, todos de direita, contrariando a mentalidade totalmente social-democrática dos pioneiros de Israel, que sonhavam com um único país, onde judeus e muçulmanos iriam conviver em paz. O ataque dos países árabes vizinhos em 1948 acabou rapidamente com essa ilusão. Os partidos religiosos têm uma grande influência no parlamento e nas decisões do governo. Isso me levou a formular a ideia de que partidos religiosos deveriam ser proibidos

em todos os países – começando aqui pelo Brasil, onde temos a poderosa “bancada evangélica”. Cada deputado ou senador deveria ter uma opinião independente, e pensar no país e não em sua comunidade, o que é impensável aqui no Brasil. Aliás, aproveitando, para que existirem partidos políticos? Infelizmente, as religiões foram enormemente deturpadas em muitos países, servindo de guarida para fundamentalistas e fanáticos que, obviamente, têm ideias tanto malucas quanto fanáticas. Em Israel, a criação de dois Estados, isto é, a criação de um Estado palestino, sempre foi combatida e impedida pelos partidos religiosos, que sonham malucamente com o Grande Israel, do Nilo à Jordânia, só com judeus.

Sempre fui a favor da solução de dois estados. Não sou mais. Depois da invasão do Khamás em 7/10/23, com a matança indiscriminada de 1.200 pessoas, atos de verdadeira barbárie e captura de 240 reféns civis incluindo crianças e idosos, reconheço que na situação atual é impossível que a Cisjordânia se torne um estado palestino. Nas fronteiras de 1947 estabelecidas pela ONU, na sua parte mais estreita Israel teria apenas 15 km. Quem pode garantir que no país palestino não aconteceria o mesmo que em Gaza, de onde Israel se retirou em 2005, o Khamás ganhou as eleições em 2006 e instalou uma ditadura sanguinária, com o propósito em seus estatutos de destruir Israel, gastando fortunas de auxílios financeiros em compra e desenvolvimento de armamentos e construção de túneis, em lugar de ajudar a população? A propósito, houve várias declarações de que Gaza era uma prisão a céu aberto. Mas ela faz fronteira com o Egito, por que esse país não absorveu imigrantes de Gaza? Porque originalmente os países árabes não quiseram absorver os palestinos que deixaram Israel em 1948, colocando-os em campos de concentração, criando assim um grande problema para Israel. Aliás, os países vizinhos incentivaram os árabes a deixarem Israel, pois a guerra seria logo vencida por eles; não contavam com o verdadeiro milagre de Israel ter vencido. Alguns deles voltaram depois da guerra. Como comparação, os ucranianos que emigraram de seu país quanto houve a terrível invasão russa, foram absorvidos, milhões deles, principalmente pela Europa. Uma outra razão pela não absorção, além de no início criar um problema para Israel, talvez tenha sido porque os palestinos trazem muitos problemas para os países vizinhos, como aconteceu com o Líbano, que antigamente era chamado de “Suíça do Oriente Médio”, com sua democracia destruída pelo Hezbolá.

Minha cunhada contou-me uma história surpreendente. Quando ela visitou Israel há alguns anos, conversou com palestinos, e sempre perguntava o que eles achavam da solução de dois Estados. Pois vários disseram: “Nós não queremos dois estados, queremos um estado só: Israel.” Pode-se compreender isso: os palestinos vivendo em Israel têm liberdade e oportunidades de progresso educacional, cultural e econômico-social muito maiores do que em muitos, senão todos, países árabes ou muçulmanos.

A solução de dois Estados só será viável quando não houver mais terrorismo e países contra Israel. Só um milagre tornaria essa solução viável na atual situação – mas milagres existem: todos os seres vivos são milagres físicos,

sem explicação física. A guerra atual foi uma lástima: países árabes estavam reconhecendo Israel e estabelecendo relações diplomáticas normais, pois reconheciam a vantagem que isso lhes poderia trazer em termos de comércio e de impulsos tecnológicos e culturais. Aliás, Israel é uma pedra no sapato dos fundamentalistas islâmicos, pois é um centro de irradiação do estado de direito, da democracia, e da liberdade individual, religiosa e cultural ocidentais, o que confronta totalmente com a Charia, a lei islâmica. Alega-se que a invasão do Khamás teve como uma das motivações torpedear a normalização entre Israel e Arábia Saudita, o que seria um grande golpe para os terroristas e para o Irã, inimigo da Arábia – veja-se só, por motivos religiosos na mesma religião, com uma corrente chiita e outra sunita. Não é mais um motivo para se acabar com a influência religiosa na política?

Referências

(Dou preferência às referências em inglês, pois em geral são mais completas. Todos os acessos em 25/1/24, a menos de especificado.)

Sionismo: <https://en.wikipedia.org/wiki/Zionism>

Pogroms: <https://en.wikipedia.org/wiki/Pogrom>

O caso Dreyfus: https://en.wikipedia.org/wiki/Dreyfus_affair

Livro *Os protocolos dos sábios de Sião*: Ver (acesso em 9/11/24): https://pt.wikipedia.org/wiki/Os_Protocolos_dos_Sábios_de_Sião. Ver também <https://www.britannica.com/topic/Protocols-of-the-Elders-of-Zion>

Israel: <https://en.wikipedia.org/wiki/Israel>

Aliá (imigração para Israel): <https://en.wikipedia.org/wiki/Aliyah>

Demografia de Israel: https://en.wikipedia.org/wiki/Demographics_of_Israel

Parada Gay em Tel-Aviv: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/milhares-de- pessoas-participam-na-parada-gay-de-tel-aviv.ghtml>

Depoimento de uma garota israelense engenheira, de origem beduína: <https://twitter.com/GayerGus/status/1721920804940653050>

Tocante entrevista de Lucy Aharish, uma conhecida jornalista israelense árabe muçulmana (acesso em 16/2/24): <https://www.youtube.com/watch?v=8LIcd7wHICE>

Gravação de palestra de Breno Altman contra o “lobby sionista”: <https://www.youtube.com/watch?v=eTwsDWCveQ0>

Meus comentários a essa palestra do Breno Altman: <https://www.ime.usp.br/~vwsetzer/coments-Breno-Altman-lobby-sionista.pdf>